

Tempo de reflexão, e de investimento no (nosso) futuro

Por José Reis Santos/Budapeste/Hungria

Todos os setores, bem como as portuguesas e os portugueses, esperam que a bendita vacina seja devidamente administrada, produza os seus efeitos, que a prometida bazuca veja luz em Bruxelas e encontre via verde no seu caminho para a economia real cá do burgo.

Bem sei que vivemos num tempo mono-temático, onde as notícias em torno da pandemia consomem-nos do pequeno almoço à ceia, onde esperamos pelos novos comentários enquadramentos do nosso preocupado Presidente, e onde procuramos desconstruir as implicações práticas de cada nova visita do nosso primeiro-ministro aos ecrãs de televisão anunciando que comportamentos teremos nos próximos fins-de-semanas, se podemos ir de A para B, como e quando, ou de que cor se encontra o nosso conelho em determinada semana. Sei também que o nível de asfixia de tesouraria e de fracas perspetivas no futuro de diversos sectores económicos é praticamente transversal a todo o tecido produtivo nacional, dos serviços ao turismo, da cultura às PME ou novos projetos, e que a estratégia passa essencialmente por navegar à bolina, e tentar ir aguentando, aguentando, aguentando, enquanto se assiste à *orientalização* das nossas sociedades (ou seja, uso de máscaras como se usam regularmente na China ou no Japão), à *italianização* das nossas cidades, i.e. com o nosso trânsito hoje condicionado por motos e lambretas de distribuição de comida, e das bicicletas da moda, e seus cubos diferenciadores às costas, e à *ocidentalização* (do Norte) de alguns dos nossos hábitos, hoje bem menos mediterrâneos, como o de sair – invés de entrar – num restaurante às 10 da noite, ter de marcar jantaradas só com 6 pessoas, deixar as improvisações na gaveta, etc...

Todos os setores, bem como as portuguesas e os portugueses, esperam que a bendita vacina seja devidamente administrada, produza os seus efeitos, que a prometida bazuca veja luz em

Bruxelas e encontre via verde no seu caminho para a economia real cá do burgo. Sobre ambas, enquanto os números da Covid ainda se mantêm no vermelho, bem como os da economia e do impacto no desemprego, as notícias que têm chegado dos telexes são animadoras: já tivemos um badalado *V-day* (e em toda a Europa em simultâneo) e finalmente conseguiu-se desbloquear a ameaça de veto da Hungria e da Polónia ao Fundo de Recuperação e Resiliência (entretanto reforçado) e também ao novo Orçamento da União. Tomemos isso como pequenas luzes nas nossas ainda montadas árvores de natal, não demasiado brilhantes nem vinculadoras de um futuro próspero e suficientemente sólido, mas como algo a que nos possamos agarrar, e inserir num pipeline que aponta hoje para o final do verão como data de regresso a alguma normalidade.

Significa isto que algum do tecido empresarial e institucional português já vai começar a ter algumas condições para pensar no seu futuro, fora das moratórias, dos lay-offs e outros apoios pontuais prometidos, isto é; procurar pensar 2021 de forma mais capacitada, com o enquadramento devido e previsto, com objetivos mais previsíveis e dentro de um quadro de estabilidade mais previsível do que nos encontramos neste momento. Significa isto também que muito rapidamente muitas empresas poderão começar a olhar para o (novo) conjunto de oportunidades que se lhes serão apresentadas em concreto entre o segundo e terceiro trimestre de '21, e começarem já a pensar em se capacitarem para concorrerem a estes projetos, em se associarem a outros parceiros (em consórcios) para ganharem dimensão suficiente para se baterem a verbas de maior ambição, e em entenderem que muita da atenção em termos de apoios terá, ou deverá ter, sempre um foco importante na designada Nova Economia de Dados / New Data Economy, Transição Digital, e 4.0 IR (4ª Revolução Industrial).

Tenho defendido sobre este tema, especialmente em ambientes informais, que se há algo que a pandemia nos pode dar, ou ter dado, é espaço de respiração e tempo para pensar,

especialmente em setores demasiado expostos à loucura do ritmo frenético em que o País havia mergulhado, e na sua quase unidimensionalidade de aposta no turismo, nos tuk-tuks e conjuntos de serviços associados ao acolhimento das centenas de milhar de visitantes que diariamente aterravam em Portugal, deixando cá os euros e as divisas que sobravam depois de pagas as plataformas e empresas multinacionais de acolhimento (os booking, airbnb, uber, etc).

Naturalmente que exagero, pois temos também sabido diversificar a oferta e o nosso tecido económico, mas, em todo o caso, pode e deve este momento de quebra providenciar tempo às empresas e instituições para pensarem nos seus modelos de negócio, nos seus produtos e posicionamento no mercado, nos seus processos de digitalização e integração na nova economia. Ou seja, em como se devem adaptar ao mundo pós-covid de forma mais capacitadas, mais competitivas, com mais valor acrescentado e estratégias mais consistentes e elaboradas de forma a não dependerem do número de cruzeiros ancorados em Lisboa, ou nas taxas de ocupação das pistas de aterragem do Sá Carneiro ou do Humberto Delgado.

E em minha opinião, tendo também em consideração a tal bazuca que se adivinha, deve passar esta reflexão no futuro por processos digitais, mas não daqueles que nos confinam a zooms caseiros ou reconceptualizem novas modalidades de trabalho (como o teletrabalho ou novas grelhas de ocupação de espaço de escritório e / ou fábricas) – isso é uma outra conversa -, mas antes os que finalmente transportem o tecido institucional e empresarial de pedra e cal para a revolução digital em curso, e em andamento por todo o mundo, e onde Portugal deve pegar de charneira, liderando em alguns setores, começando pelo Estado. É neste sentido que com gosto vejo o Governo português assumir como prioritária para a sua presidência da União, como um dos seus principais pilares, a área da digitalização, que aliás sofreu recentemente avanços importantes em Bruxelas com a aterragem no Parlamento Europeu do MiCA, do *Digital Services*

Act e do Digital Markets Act).

Vemos, assim, que, na narrativa e na liderança política, Portugal tem sabido posicionar-se na linha da frente das iniciativas e dos debates europeus. Falta agora produzir o desejado *efeito de cascata* para o restante tecido económico – grandes e pequenas empresas e startups, e diversas estruturas institucionais -, e conseguir transformar o período pandémico numa oportunidade de qualificação, capacitação e modernização alargada a diversos sectores nacionais, entendendo a digitalização 4.0 da Nova Economia de Dados num conceito alargado, que navega do *paperless* aos *simplexes* e à robótica avançada, R&D e *Machine Learning*, da AI (Inteligência Artificial) ao Quantum e *Cloud Computing* e Blockchain, esta como infraestrutura-base de segurança, transparência, imutabilidade e *auditability* de dados, de preferência em DAO's (decentralized autonomous organizations / organizações autónomas descentralizadas) capazes de quebrar a política insegura de silos de informação e *legacy systems* hoje ainda muito vigentes.

Nesta sequência, como já referimos, são naturalmente muito positivas as notícias dos acordos que desbloquearam as verbas europeias que devem aterrar na economia lusitana entre o segundo e terceiro trimestre, o que significa que podem muitas empresas e instituições começar a pensar em projetos que potenciem upgrades importantes que contemplem estas dimensões tecnológicas, de preferência de forma integrada e complementar. É neste sentido importante estar atento e capacitar um conjunto alargado da sociedade e do ecossistema empresarial para o potencial deste leque tecnológico, amplificar a literacia sobre estas temáticas e as capacidades técnicas e empresariais necessária para desenvolver projectos robustos assentes nas tecnologias 4.0 (nacionais e/ou em parcerias internacionais) com evidentes mais valias e impacto sociais, e portadores de manifesto valor acrescentado. Será também interessante, ainda no tema da pandemia, verificar que

assistência tecnológica se verificará na logística necessária para a distribuição e rastreio futuro da administração da tão esperada vacina, sendo este aliás um excelente caso de uso para a tecnologia blockchain (pelas suas características de total rastreabilidade, imutabilidade e transparência dos dados). Como aliás será interessante verificar se o prometido – e agora inscrito no Orçamento de Estado – Portal da Transparência procurará colocar os seus dados abertos (open source / data) numa blockchain pública ou semi-pública, pois esta permitiria verificar de forma transparente e pública todos os dados relativos aos processos, aos projectos, às empresas concorrentes e à aplicação dos fundos.

Portanto, o tempo de pensarmos nestes processos de capacitação, de envolvimento com o ecossistema tecnológico nacional (e internacional), de literacia e treino técnico (se se necessitar) é agora, i.e., o que decorre entre o início do ano e a abertura dos concursos. E não devem os nossos empresários, dirigentes institucionais e políticos terem receio de procurarem mais formação e informação sobre o impacto transformador deste conjunto de tecnologias que compõem a revolução digital 4.0, e com elas procurarem desenharem novas estratégias que aumentem e valorizem os seus serviços e produtos, de forma aumentar a qualidade e valor acrescentado dos mesmos, diversifica-los, e naturalmente amplificar a sua competitividade (internacional). Conseguir fazê-lo significaria ter a capacidade de aproveitar a infelicidade dos tempos da pandemia para a tornar numa oportunidade transformativa impactante e significativa, melhorando a qualidade e condições de vida de muitas e muitos. E seria excelente conseguir que conseguíssemos atingir o final da Presidência portuguesa com pelo menos parte deste caminho percorrido.

PS: Por ser este o meu último texto antes de 2021, aproveito também para desejar a quem me leia uma boa entrada no novo ano. Bem sei que será fácil desejar-vos um bom ano, pelas

características deste que estamos prestes a concluir, onde vivemos, de facto, tempos extraordinários, de sacrifícios vários, reclusão, layoffs e desemprego. De perda. Muita perda. Devemos conseguir manter a guarda ativa e um conjunto de comportamentos sociais e pessoais que nos permitam passar em segurança esta altura festiva, salvaguardando-nos, e os nossos próximos, de forma a podermos em breve voltar a estar no ambiente relaxado, celebratório de que tanto gostamos, de preferência sem perdermos a traça e as características relaxadas do nosso estilo latino-mediterrâneo que tanto prazer nos dá à vida.

Artigo originalmente publicado na revista [Visão](#)